



FORMAÇÃO TALIESINIANA · APOSTILA 09



O TEMPLO ENTRE OS MUNDOS

O Círculo Mágico

Cosmologia, Templo Astral e Ancoragem de Awen

Sérgio Lourenço



CERRIDWEN · AWEN · HERNE





O sagrado e o lugar da prática

A Wicca não depende de templos físicos semelhantes às igrejas cristãs. Os antigos pagãos também possuíam templos, mas reverenciavam locais naturais como bosques, campos, fontes e cavernas. Altares de pedra, estátuas, totens e monólitos circulares podiam integrar esses espaços. A natureza participa da experiência sagrada, em vez de permanecer apenas fora do lugar de culto.

A visão religiosa apresentada pela Tradição reúne panenteísmo, imanência e animismo. Tudo participa do divino; sua presença é próxima da existência; os seres e as coisas são compreendidos como portadores de alma, energia, Awen ou vibração. O sagrado pode ser encontrado em toda parte e também em nós mesmos.

Essa compreensão não retira o valor de um lugar destinado ao ritual. Um espaço frequente de prática facilita, na linguagem espiritual da Arte, a produção e o acúmulo de energia psíquica e o acesso aos planos mais sensíveis da realidade. O cuidado com o ambiente participa da preparação da experiência.

A herança do ocultismo ocidental também pede atenção à compatibilidade entre o local e o propósito da cerimônia. A presença de energia em tudo não significa que qualquer ambiente tenha o mesmo sentido para qualquer trabalho. A fonte exemplifica essa diferença ao imaginar um batizado de recém-nascido num cemitério ou necrotério. É importante perceber o lugar antes de escolher como trabalhar nele.

O Círculo Mágico oferece uma imagem de templo e reafirma a natureza sagrada da vida, especialmente nos espaços naturais e selvagens. Nesta etapa, seus fundamentos serão acompanhados pela criação e meditação no Templo Astral e pelo Rito de Ancoragem de Awen. O lançamento cerimonial completo será estudado na etapa seguinte.





As funções do Círculo

O Círculo reúne funções que se complementam. Sua forma e sua ritualística dialogam com o inconsciente. Na compreensão energética da Arte, ele oferece proteção ao praticante, funciona como um vaso que reúne as energias invocadas e elevadas e permite seu envio ao propósito do trabalho. Também é templo de adoração, devoção e contemplação da Deusa, do Deus e dos Quadrantes.

A leitura simbólica da fonte aproxima esse vaso do matriarcado, dos recipientes funerários e da organização da tribo em torno de um centro e de uma circunferência. Relaciona ainda o culto neolítico aos mortos ao Círculo ritual. Essas relações são apresentadas aqui como a interpretação ancestral adotada pelo material autoral, e não como uma demonstração historiográfica de origem única.

A Mãe Bondosa, que oferece a vida, e a Mãe Terrível, que a recebe de volta, pertencem a esse conjunto de imagens. O Círculo pode ser lido como vagina e cova: abertura do nascimento e lugar de retorno. Vida, morte e renascimento se encontram num mesmo emblema.

A Consciência Lunar também se aproxima dessa forma. A Lua cresce até apresentar seu disco pleno, percorre ciclos e realiza seu movimento aparente de Leste a Oeste. Os movimentos dos astros, suas órbitas elípticas e as estações ampliam a percepção de uma geometria natural que reúne e movimenta.

Filosoficamente, o Círculo representa unidade e harmonia com o todo. Sua imagem inclui a esfera do mundo e a relação entre interior e exterior. Na leitura da Arte, ele evoca o eu inconsciente, divino, imutável e eterno, pela possibilidade de imaginar um começo sem fim e um fim sem começo. Compreender esses sentidos aprofunda o trabalho para além da execução de um traçado.





Entre os mundos e fora do tempo

O Círculo pode ser compreendido como metáfora do Cosmos, reunindo a Deusa, o Deus e os quatro elementos: Ar, Fogo, Água e Terra. Mover-se em sua circunferência também modifica a experiência psicológica do tempo. O retorno ao mesmo ponto permite que passado, presente e futuro sejam percebidos de outro modo, diferente da sequência linear cotidiana.

Por isso, um ritual pode parecer longo quando pouco tempo passou, ou breve quando durou mais do que se imaginava. As expressões “entre os mundos” e “fora do tempo” nomeiam essa mudança de experiência e seu sentido espiritual.

A fonte aproxima o limiar do Círculo de uma interpretação dos ciclos sazonais: aquilo que parecia morrer no inverno renascia na primavera. Essa imagem teria oferecido um modelo para pensar reencarnação e a permanência dos mortos num domínio imaterial entre vivos e Deuses. O Círculo permite imaginar a presença de seres viventes nesse lugar de encontro.

O material também interpreta narrativas de fadas e encantados como transformações de antigos cultos aos mortos e às presenças da natureza, sob o patriarcado e o cristianismo. Os círculos de cogumelos chamados portais de fadas integram essa associação. A leitura ressalta ainda o efeito político de reduzir divindades locais a espíritos inferiores ou demônios: a religião dominante pode, assim, suprimir a religião dos povos oprimidos.

Para os praticantes, o Círculo é um portal de comunicação entre dimensões. Relatos de aromas, sensações, presenças e mudanças nas chamas das velas pertencem a essa experiência religiosa. Embora desenhado como circunferência, ele é visualizado como esfera, uma rede de energia em diferentes dimensões. Seu mapa une acima e abaixo e torna perceptível a convergência entre a existência e o sagrado.





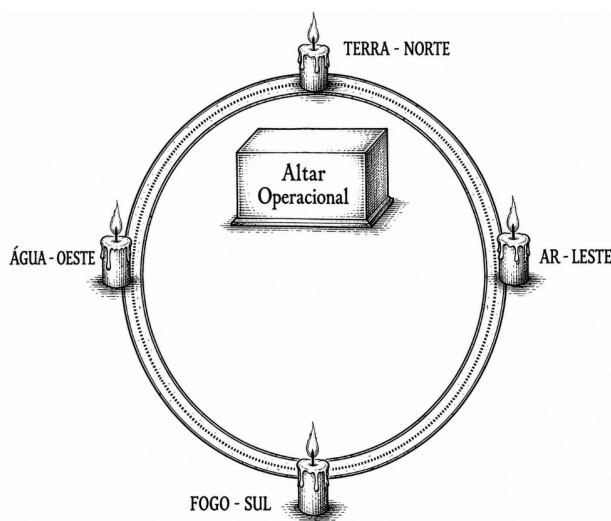
O mapa do espaço sagrado

Os três círculos do mapa representam Céu, Terra e Mar. O Círculo Mágico funciona como ponte entre esses domínios. A estrutura tríptica também evoca a Trindade Sagrada e o Triângulo da Manifestação, nas imagens Mãe-Pai-Filho e Donzela-Mãe-Anciã.

O mapa apresenta vários círculos para explicar o símbolo; na prática, o limite é traçado uma única vez, imaginariamente ou com uma marca de giz ou corda. A linha pontilhada do desenho representa o corredor por onde percorre a energia elemental que alimenta o trabalho. As velas dos Quadrantes marcam os pontos cardeais.

O altar fica ao Norte, ou orientado nessa direção. A fonte associa essa escolha ao eixo magnético terrestre e à leitura do Norte como morada dos ancestrais no Paganismo europeu. São os fundamentos simbólicos e energéticos adotados pela Tradição para essa posição.

O Círculo e o altar operacional expressam as forças de Vida, Morte e Renascimento. Cada posição possui sentido dentro dessa organização. O altar pode ocupar o centro em outras disposições; na prática taliesiniana, sua referência é o Quadrante Norte.





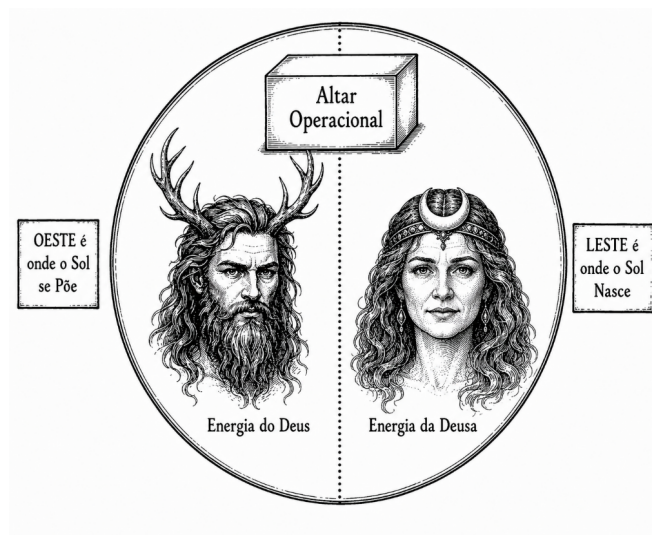
Leste, Oeste e as polaridades

O eixo Leste-Oeste organiza uma leitura das polaridades divinas no Círculo. O Leste representa, nesse contexto, a energia da Deusa, o nascimento e a elevação das forças. Seu sentido acompanha o nascer do Sol. A Deusa é criação, parto e soberania primordial na interpretação celta apresentada pela fonte.

O traçado começa no Leste e segue no sentido horário, acompanhando simbolicamente o movimento solar. O Oeste representa a energia do Deus, o declínio e a morte, pela imagem do pôr do Sol. O portal que recebe a vida de volta também se expressa como vagina-cova; o Deus é reconhecido na Wicca como senhor da morte.

Essa relação aparece no altar: à direita, a Deusa; à esquerda, o Deus, conforme o esquema da Tradição. As posições participam de um mapa cósmico e devem ser compreendidas no contexto dessa disposição, sem reduzir as divindades a um único aspecto.

O nascimento e o declínio pertencem à mesma dinâmica. A polaridade não separa definitivamente as forças: permite reconhecer sua relação e o movimento que emerge entre elas. O mapa orienta a percepção do ritual, tornando visível uma cosmologia que será retomada na preparação do espaço e dos instrumentos.





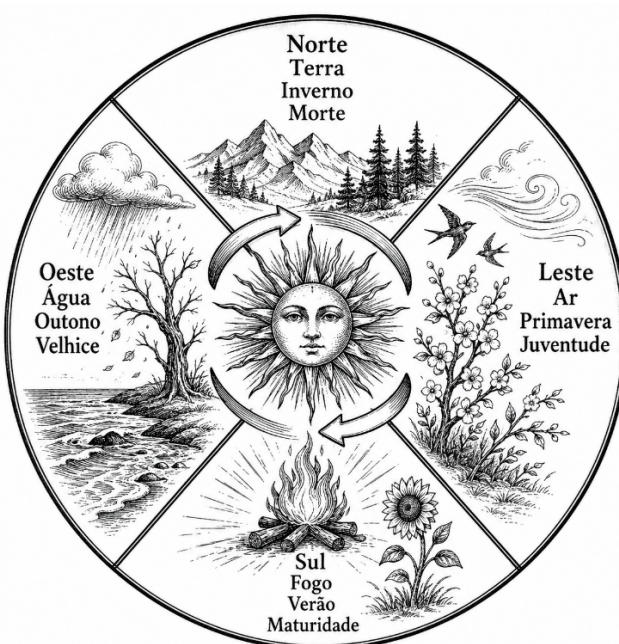
As forças cíclicas da vida

O mapa amplia as correspondências do Círculo com os elementos, as estações e as etapas da vida. O Leste reúne Ar, primavera e juventude; o Sul, Fogo, verão e maturidade; o Oeste, Água, outono e velhice; o Norte, Terra, inverno e morte.

O Sol central recorda o movimento que relaciona essas etapas. As correspondências não são apenas uma lista de associações: oferecem uma maneira de perceber a existência como ciclo, em que diferentes qualidades amadurecem e cedem lugar a outras.

O nascimento, o desenvolvimento, o apogeu e o declínio aparecem no espaço ritual como partes de uma mesma totalidade. A morte também participa desse movimento e se relaciona ao renascimento estudado no mito de Cerridwen e Taliesin.

Essas imagens permitem compreender por que a posição dos Quadrantes e do altar possui sentido. O espaço físico reúne uma representação da natureza e da vida interior, orientando o encontro entre o praticante e os mistérios celebrados.





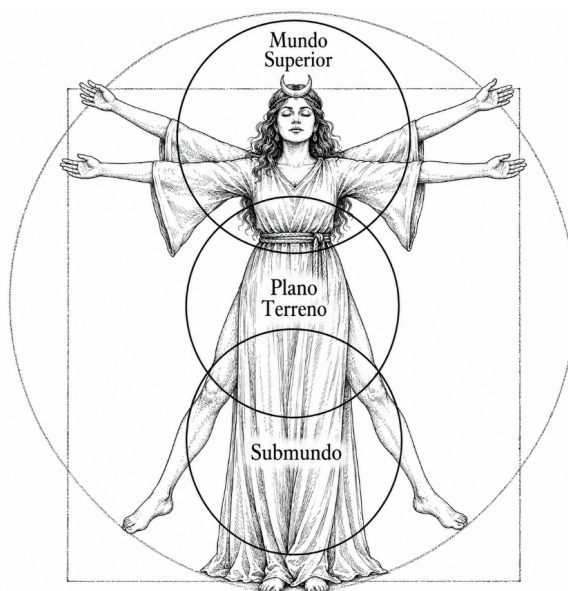
O corpo e os Três Mundos

O corpo também oferece um mapa dos Três Mundos. A região superior e os membros superiores representam o Céu. A região central se relaciona à Terra, incluindo os intestinos, a alimentação e a sexualidade. A região inferior e os membros inferiores evocam Mar e Submundo, conforme a leitura apresentada no material.

O sexo e os quadris aparecem como lugar de ligação entre os domínios. A fonte utiliza a união sexual do masculino e do feminino como emblema da concepção, do retorno à vida e das reencarnações pelo ventre da Deusa. A mesma imagem reúne nascimento e vagina-cova, que recebe a existência de volta.

A figura humana de braços e pernas abertos permite perceber o pentagrama no corpo. O praticante participa, assim, do mapa cósmico que reconhece no espaço. Céu, Terra e Mar não permanecem apenas fora de nós: também oferecem imagens para compreender a totalidade da experiência encarnada.

O diagrama une corpo, natureza e espiritualidade. Seu propósito é apresentar correspondências simbólicas da Tradição, ligando a forma humana à geometria ritual. O estudo do pentagrama aprofunda essa relação entre o microcosmo do indivíduo e o macrocosmo.





Os mistérios do Pentagrama

O pentagrama possui sentidos que ultrapassam seu uso como adorno ou sinal de identidade. Sua ampla circulação pode favorecer uma compreensão superficial, mas seus emblemas e funções têm importância na ritualística. Observe um pentagrama enquanto estuda essas relações: a forma ajuda a reconhecer as analogias.

A Bruxaria contemporânea adotou um símbolo que também pertence a outras escolas da magia ocidental. Cada tradição pode interpretá-lo de modo diferente. Aqui, sua leitura é wiccana e reconhece a herança de pensamentos e práticas anteriores ao ressurgimento da Arte associado a Gerald B. Gardner.

A estrela com uma ponta para cima representa a pessoa de braços e pernas abertos, numa postura de amplitude e harmonia. Suas cinco pontas evocam Terra, Ar, Fogo, Água e Espírito. A imagem reúne consciência de si e relação com a natureza, atribuindo valor ao corpo e ao espírito. A fonte contrasta essa autonomia e liberdade com sua leitura da resignação evocada pela cruz cristã.

O pentagrama microcósmico de Cornelius Agrippa oferece uma referência dessa correspondência. Conhecer a si mesmo permite reconhecer o universo espelhado no indivíduo. A formulação de Crowley, “todo homem e toda mulher é uma estrela”, acompanha essa interpretação.

O símbolo também representa as sendas iniciáticas da alma. Como Deusa, evoca Vênus e a figura pentagramática de sua dança cósmica, a potencialidade do nascimento, o portal da vida e a abundância do amor. A Alta Sacerdotisa assume a postura de braços abertos para invocá-la. Invertido, o pentagrama pode representar os chifres do Deus e o portal da morte de que ele é guardião, sem se reduzir à conotação negativa frequentemente atribuída à inversão.

O pentagrama interno sugere que a Deusa contém o Deus e o Deus contém a Deusa. As pontas também representam os guardiões tutelares, ou Torres de Vigília. O Espírito é o numem cósmico, sem gênero ou polaridade, que se manifesta nos elementos. Os cruzamentos mostram a interdependência da criação, relacionando a ética de não prejudicar à compreensão ecológica da Arte.





A dinâmica ritual em cinco forças

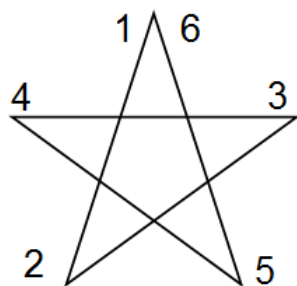
O pentagrama pode funcionar como mapa metodológico do ritual. A fonte aproxima esse estudo do domínio da magia discutido por Éliphas Lévi em *Dogma e Ritual de Alta Magia* (1993, p. 108-115). Sua estrutura organiza iniciativa, desenvolvimento, culminação, retardação e fim.

O ponto 1 corresponde ao Espírito; o 2, à Terra; o 3, à Água; o 4, ao Ar; o 5, ao Fogo. O movimento retorna ao Espírito, indicado como 1 ou 6. Na leitura da Arte, a força passa do interior ao exterior e da essência à forma, numa aproximação com imagens platônicas e cabalísticas.

No Espírito está a ideia ou força mental projetada no astral. A Terra representa sua manifestação, o conjuro do Círculo e a passagem do Templo Astral ao físico. A Água estabelece o mundo magnético e a harmonização com as correntes astrais por meio do chamado dos guardiões. O Ar mantém as forças e se relaciona ao verbo, à invocação e à comunhão com Deusa e Deus. O mistério é vivido apoiado no rito manifesto.

O Fogo expressa o apogeu da energia, o Cone de Poder elevado para o envio da intenção, e também o declínio e a consumação. O Grande Rito, na união do cálice e do athame, evoca a energia sexual; pão e vinho remetem ao calor dos fornos e das fermentações mediterrâneas.

O retorno ao Espírito sela a consumação e corresponde ao esconjuro: o Templo Físico volta ao Astral. A dinâmica essência-forma-essência acompanha o nascimento, desenvolvimento, apogeu, declínio, morte e renascimento presentes na natureza e nas marés de poder, como na Lua que cresce, torna-se cheia e volta à escuridão. A magia relaciona esse ciclo maior à experiência do praticante.





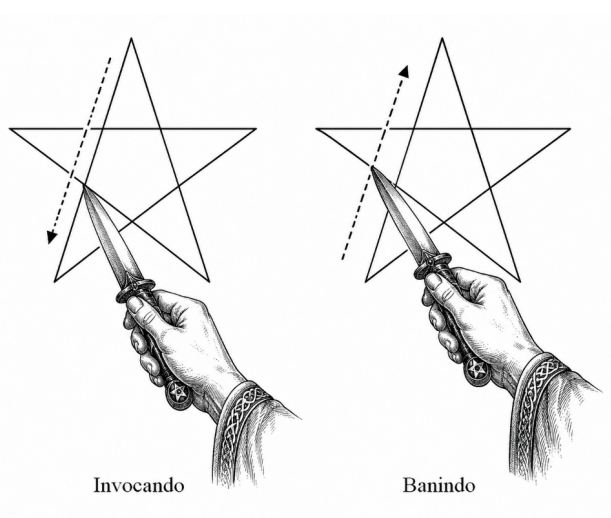
Invocação e banimento

Na invocação, o percurso vai do Espírito à Terra, passa por Água, Ar e Fogo e retorna ao Espírito. A imagem representa a aproximação das forças do mundo da essência ao mundo da forma. O pentagrama pode ser usado como sigilo para invocar os Quadrantes ou expressar outra intenção.

No banimento, a direção se inverte: Terra, Espírito, Fogo, Ar, Água e retorno à Terra. A forma é desfeita para que sua substância retorne ao Espírito e passe pela purificação simbólica dos elementos. A dinâmica é apresentada como forma-essência-forma.

A Água corresponde ao ponto 3 no esquema anterior. A referência a “Água (5)” na passagem de banimento da fonte é uma inconsistência de numeração; a sequência elemental descrita foi mantida, com a correspondência da Água ao ponto 3.

As relações entre os reinos elementais também podem oferecer temas de reflexão e meditação. A criatividade do praticante encontra no pentagrama um apoio para perceber a natureza manifesta e suprasensível ao redor e em si mesmo. Conhecer o percurso dos traçados prepara a compreensão das operações rituais.





O Círculo e o Templo Astral

Na compreensão religiosa da Tradição, o Círculo manifesta o Templo Astral. Um coven ou praticante solitário pode construir uma imagem mental que ganha vida no plano astral e facilita seu desenvolvimento espiritual. Esse templo pode ser acessado por viagem mental ou astral, sonhos e transe; a fonte remete o estudo das sete dimensões a um aprofundamento posterior.

Um selo pode proteger o templo. No coven, a iniciação também pode tornar o praticante receptor desse espaço: alguns recebem sua imagem durante o rito, enquanto outros precisam de sua descrição pelo iniciador. No trabalho solitário, essa construção e sua continuidade pertencem ao próprio praticante.

Ao lançar o Círculo, o bruxo visualiza o Templo Astral na sala ritual. Isso participa da sensação de estar em outro lugar e da mudança na percepção de tempo e espaço. Instrumentos, velas, incenso, água, sal e outros elementos ajudam a sustentar e alimentar essa experiência.

A consagração de água, sal, incenso e brasa também purifica, na linguagem energética da Arte, o espaço do templo. Gestos, palavras e invocações reúnem a energia etérea emanada pelo praticante. O incenso mobiliza a memória olfativa, favorece o acesso ao subconsciente e participa da malha astral que sustenta o Círculo.

Por isso, a preparação cerimonial inclui aspergir água salgada consagrada no Círculo e fumegá-lo com incenso. O estudo dos fundamentos agora dará lugar à criação e ao uso meditativo do templo interior, preservando as práticas propostas na fonte.





Exercício 5 • Criando o templo

O Templo Astral é compreendido como uma forma-pensamento estruturada e carregada pela intenção, pela visualização e pela dedicação. Pode assumir a forma de um templo com colunas e altares, uma caverna iluminada por cristais ou uma paisagem natural. Deve ser pessoal, significativo e funcional.

Na linguagem da prática, ele oferece refúgio íntimo, proteção, serenidade e acesso à energia interior. Favorece o encontro com o centro espiritual, os arquétipos, o self superior e os guias. Pode ser adaptado a consagrações, invocações, cura e estudos espirituais. Seu uso fortalece visualização, concentração e disciplina mental e oferece espaço para meditação, insights e alinhamento interior.

Antes da criação

Antes de começar, reflita sobre o propósito do templo. O que você deseja realizar ali? Quais elementos são essenciais para sua prática?

Encontre um local tranquilo e entre em estado meditativo. Visualize o templo em detalhes. Construa-o mentalmente, adicionando elementos que representem sua intenção, como altares, estátuas, cristais ou elementos naturais.

Use sua energia e emoção para dar vida ao templo. Imagine-o pulsando com uma luz vibrante, repleta de energia positiva e protetora.

Dedique o templo ao seu propósito. Você pode usar uma oração, mantra ou intenção clara para ancorá-lo no plano astral.

Visite seu templo frequentemente em meditação ou durante suas práticas de lançamento do Círculo Mágico. Quanto mais você o usa, mais forte e efetivo ele se torna.

Assim como um espaço físico, o templo astral pode ser ajustado e evoluir com o tempo. Você pode renovar sua energia, adicionar novos elementos ou reconfigurá-lo conforme suas necessidades mudam. É importante mantê-lo limpo energeticamente, removendo qualquer resquício de energia estagnada através de práticas como visualização de luz purificadora ou recitação de mantras. Repita este exercício 2 vezes por semana durante 1 mês.

Você irá precisar

Um local tranquilo onde não será interrompido.

Uma posição confortável para meditar (sentado ou deitado).





Exercício 5 • Procedimento

Prepare-se: Encontre um lugar silencioso. Sente-se ou deite-se confortavelmente. Feche os olhos e respire profundamente algumas vezes para relaxar seu corpo e mente. Use a técnica de meditação aprendida no Exercício 2, na Apostila 4.

Visualização Inicial: Imagine um caminho à sua frente que leva a um lugar especial. Este é o caminho para o seu templo astral. Visualize-se caminhando por ele com calma, absorvendo a energia ao seu redor.

Crie o Espaço: Ao final do caminho, visualize o local onde seu templo será construído. Construa-o mentalmente, adicionando elementos que ressoem com você: altares, estátuas, cristais, luzes ou qualquer outro detalhe que represente sua intenção espiritual.

Energize: Imagine uma luz brilhante descendo sobre o templo, preenchendo-o de energia positiva, proteção e harmonia. Sinta esta energia conectando-se com você e com o ambiente.

Consagração: Dedique o templo ao seu propósito. Verbalize ou mentalize suas intenções claramente, como um compromisso com sua prática espiritual.

Exploração: Caminhe pelo templo em sua visualização. Observe cada detalhe. Como você se sente ali? Esse espaço é seu, e você pode ajustá-lo conforme desejar.

Conexão: Antes de encerrar, sinta a conexão entre você e o templo. Saiba que você pode retornar sempre que precisar.

Finalização: Agradeça mentalmente por este momento. Abra os olhos devagar e anote em um diário suas experiências, sensações e qualquer detalhe importante sobre o templo.

As etapas preservam a proposta da fonte. A referência à técnica meditativa foi ajustada à numeração desta formação. Mantenha a frequência indicada: duas vezes por semana durante um mês.





Exercício 6 • Meditar no templo

Repita este exercício pelo menos 2 vezes por semana para fortalecer sua conexão com o templo astral e aprofundar sua prática meditativa.

Você irá precisar

Um local tranquilo, livre de interrupções.

Uma posição confortável para meditar.

Opcional: uma música suave ou um incenso para ajudar na concentração.

Preparação inicial

Sente-se ou deite-se confortavelmente.

Feche os olhos e faça três respirações profundas, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Sinta seu corpo relaxando com cada expiração. Use a técnica do Exercício 2, na Apostila 4.

Conexão com o caminho

Visualize o caminho que leva ao seu templo astral. Imagine-o claramente, como se estivesse fisicamente caminhando por ele. Observe os detalhes ao seu redor: as cores, os sons, as texturas.

Entrada no templo

Ao chegar ao templo, visualize sua entrada. Como é a porta ou o portal? Abra-o mentalmente e entre com calma, sentindo a energia do local.

Exploração sensorial

Uma vez dentro, observe cada detalhe do templo: suas paredes, o chão, os objetos e a luz. Toque mentalmente nos elementos ao seu redor, percebendo suas texturas e sensações.

Encontre seu espaço

Localize o centro do templo ou um lugar específico onde você se sente em paz. Este será seu ponto de meditação.

Meditação guiada no templo

Sente-se nesse local e visualize uma luz dourada ou prateada surgindo no ambiente, envolvendo você e todo o templo.

Concentre-se em sua respiração, sincronizando-a com o pulsar dessa luz. Sinta como ela preenche cada célula do seu corpo com harmonia e clareza.





Exercício 6 • Retorno e registro

Receba intuições

Permita que sua mente fique receptiva. Não force pensamentos, apenas observe imagens, sensações ou mensagens que possam surgir. Este é um momento de conexão com seu Eu Superior ou com qualquer energia espiritual que o templo represente.

Integração e gratidão

Antes de encerrar, dedique um momento para agradecer ao templo por acolhê-lo. Agradeça também a si mesmo por reservar este tempo para sua prática.

Retorno ao plano físico

Visualize-se saindo do templo, fechando a porta com cuidado. Retorne pelo caminho que o trouxe até ali, sentindo-se cada vez mais presente no seu corpo físico.

Faça três respirações profundas, mova os dedos das mãos e dos pés, e abra os olhos devagar.

Registro

Anote em um diário as experiências, insights ou sensações que teve durante a meditação. Este registro ajudará você a monitorar seu progresso e aprofundar sua conexão com o templo.

Dicas

Se você se sentir desconectado durante a meditação, visualize novamente os detalhes do templo para reforçar sua presença.

Personalize o templo conforme necessário, adicionando elementos simbólicos que ressoem com sua prática ou estado atual.

O templo reúne prática, autoconhecimento e evolução espiritual. Como reflexo do universo interior, relaciona magia, meditação e espiritualidade, fortalecendo o vínculo com o eu espiritual. Sua utilização acompanha a jornada de autodescoberta, conforme o propósito do exercício.





Exercício 7 • Ancoragem de Awen

O Rito de Ancoragem de Awen possui afinidades com práticas do ocultismo, como o Ritual Menor do Pentagrama de Banimento e o Ritual do Pilar do Meio. Na Tradição de Taliesin, sintoniza o praticante com os princípios espirituais do caminho. Relaxamento, meditação, concentração, inspiração e visualização integram seu desenvolvimento.

O rito possui estrutura própria e estabelece um pequeno templo temporário. Em algumas práticas simples, pode substituir o lançamento do Círculo, cujo caráter é mais formal e cerimonial. Sua constância favorece a harmonização com Awen e com Cerridwen e Herne. Incorpore-o à rotina sempre que possível.

Para realizar o Rito de Ancoragem de Awen, você deverá utilizar o seu cálice previamente consagrado, preenchido com água potável. Também serão necessários o seu caldeirão e a vela verde que representa Awen.

Essa vela verde poderá ser reutilizada em todas as práticas. Acenda-a no início do rito e apague-a ao final. Quando estiver prestes a se consumir completamente, acenda uma nova vela utilizando a chama da anterior e coloque-a em seu lugar. Desse modo, o princípio do fogo de Awen permanece continuamente aceso, preservando simbolicamente a continuidade da inspiração e da tradição.

O simbolismo reúne Fogo e Água na Cruz Celta: o eixo vertical do Fogo representa o plano espiritual; o eixo horizontal da Água, o material. Sua intersecção une céu e terra, espírito e matéria, inspiração divina e experiência humana. Mantenha esse sentido presente durante a prática.

O rito também evoca monólitos de pedra, templos, altares e antigos nemetons, os bosques sagrados. Essas pedras representam lugares de encontro entre o humano e o espiritual, relacionando praticante, natureza e sagrado. A prática também oferece um momento para a sintonia com o Templo Astral.





Exercício 7 · Água e Quadrantes

Diante do Norte, coloque o cálice com água à frente do caldeirão, mantendo a vela verde de Awen em seu interior. Acenda a vela e inspire profundamente. Em seguida, recite o mantra de Awen por três vezes:

Awen. Awen. Awen.

Agora diga:

Pela pureza desta água, em nome de Cerridwen e de Herne, eu me abençoo e me purifico.

Toque a água com os dedos indicador e médio da mão direita (tradicionalmente associados a Júpiter e Saturno) e trace sobre o seu corpo o Pentagrama da Arte, tocando, nesta ordem, a testa, a perna direita, o ombro esquerdo, o ombro direito, a perna esquerda e, por fim, novamente a testa.

Segure o cálice com ambas as mãos e volte-se para o Leste. Visualize diante de você um grande monólito de pedra e diga:

No Leste mora o Druida do Saber. Que assim seja.

Beba um gole da água.

Volte-se para o Sul e diga:

No Sul mora o Druida do Querer. Que assim seja.

Beba outro gole.

Volte-se para o Oeste e diga:

No Oeste mora o Druida do Ousar. Que assim seja.

Beba mais um gole.

Por fim, volte-se para o Norte e diga:

No Norte mora o Druida do Calar. Que assim seja.





Exercício 7 · Paz e integração

Beba mais um gole da água. Enquanto realiza esse percurso pelos quatro quadrantes, visualiza um monólito de pedra surgindo em cada direção, formando ao seu redor um círculo sagrado de antigas pedras. Ao concluir o Norte, contemple esse templo de monólitos envolvendo todo o espaço da prática. Você também pode visualizar o seu Templo Astral. Retorne o olhar para o Leste e diga:

Que assim seja.

Beba mais um gole da água. Em seguida, volte-se novamente para o Norte e recite:

Em nome da Paz.

Da Paz que habita no Leste.

Da Paz que habita no Sul.

Da Paz que habita no Oeste.

Da Paz que habita no Norte.

Da Paz que habita acima.

Da Paz que habita abaixo.

Da Paz que habita entre e através de nós.

Por todos os atos de Amor e Beleza.

Em nome de Cerridwen e Herne.

Por Awen.

Que assim seja.

Antes de beber o restante da água, permaneça alguns instantes em silêncio. Visualize ou intencione tudo aquilo que deseja transmutar em sua vida: a limpeza das energias, a proteção, as bênçãos, a inspiração e tudo aquilo que necessita ser fortalecido em sua caminhada espiritual. Somente então beba toda a água do cálice, acolhendo simbolicamente essas forças dentro de si.

Caso esteja praticando sozinho, após a recitação do mantra de Awen, você poderá pronunciar também o seu nome mágico, fortalecendo o vínculo entre sua identidade iniciática e a corrente espiritual da Tradição de Taliesin. Entretanto, se estiver acompanhado de outras pessoas, preserve o sigilo do seu nome mágico. Nessa situação, recite apenas o mantra de Awen e prossiga normalmente com o restante da prática.

Realize este rito sempre que possível. Ele pode ser praticado diariamente ou antes de qualquer atividade ritual, auxiliando na concentração, no relaxamento e na sintonia com a corrente espiritual de Awen, de Cerridwen e de Herne, preparando o corpo, a mente e o espírito para o trabalho mágico.





Referências e continuidade

Base desta formação

LOURENÇO, Sérgio. *O Caldeirão & a Espada: O Caminho Taliesiniano de Wicca*. Manuscrito fornecido pelo autor. Fundamentos do Círculo Mágico, mapas cosmológicos, mistérios do pentagrama, Templo Astral e Rito de Ancoragem de Awen. As imagens foram extraídas do material fornecido.

Referências evocadas pela fonte

LÉVI, Éliphas. *Dogma e Ritual de Alta Magia*. 1993, p. 108-115, conforme a indicação autoral. Cornelius Agrippa e Aleister Crowley também são mencionados na discussão do pentagrama microcósmico, sem indicação bibliográfica completa nessa passagem.

As leituras ancestrais do Círculo, do culto aos mortos e das fadas foram mantidas como interpretações do material autoral. Suas afirmações de origem histórica não são apresentadas como consensos acadêmicos. A sequência de banimento conserva os elementos descritos, corrigindo a numeração da Água para o ponto 3.

Continuidade dos exercícios

Exercício 5: criação do Templo Astral, duas vezes por semana durante um mês. Exercício 6: meditação no templo, pelo menos duas vezes por semana. Exercício 7: Ancoragem de Awen, sempre que possível, inclusive diariamente ou antes de práticas rituais. As ações e fórmulas foram preservadas; as referências à meditação foram ajustadas ao Exercício 2 desta formação.

Próxima etapa

Apostila 10 · O rito do Círculo, os instrumentos sagrados e a autodedicação. A sequência prossegue com o lançamento cerimonial completo, o Grande Rito, a partilha e o encerramento, antes de aprofundar as ferramentas da Tradição.

